

Publication status: Not informed by the submitting author

CONSUMPTION AND FOOD HABITS IN A REPUBLIC OF
STUDENTS IN AN UPPER NEIGHBORHOOD OF THE CITY OF
NITERÓI - RJ
Juliana Lencina da Silva

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6591>

Submitted on: 2023-08-10

Posted on: 2023-08-24 (version 1)

(YYYY-MM-DD)

CONSUMO E HÁBITOS ALIMENTARES EM UMA REPÚBLICA DE ESTUDANTES DE UM BAIRRO NOBRE DA CIDADE DE NITERÓI – RJ

JULIANA LENCINA DA SILVA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9401-8743>

E-mail: julianalencina@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO: A mudança alimentar no Brasil atinge seu auge da transformação nos anos 90 com a chegada dos ultraprocessados aos mercados. Nos últimos anos, cresce o número de pessoas que buscam se alimentar de forma mais saudável não somente pela ingestão calórica necessária diária indicada pela FAO e outras organizações, mas também pela qualidade dos alimentos que chegam às mesas, aumentando assim o consumo de produtos orgânicos e semelhantes. Famílias privilegiadas como as do bairro de Icaraí/Niterói, região metropolitana do RJ possuem fácil acesso a essa alimentação de qualidade. O trabalho investiga as práticas alimentares de jovens estudantes que dividem aluguel em uma das principais ruas do bairro. Para isso, são averiguadas questões do modo de vida nesse grupo a partir da organização do tempo, classe, consumo, gostos e habilidades culinárias. Também dos marcadores etários e geracionais das estudantes, a relação com a categoria 'fome' e passando pelo que se considera uma 'boa comida'.

Palavras-chave: antropologia do consumo; sociologia da alimentação; alimentação no Brasil.

¹ Doutoranda em Antropologia Social (PPGA/UFF), Mestre em Sociologia (PPGS/UFF) e Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

CONSUMPTION AND FOOD HABITS IN A REPUBLIC OF STUDENTS IN AN UPPER NEIGHBORHOOD OF THE CITY OF NITERÓI – RJ

ABSTRACT: The food change in Brazil reached its peak of transformation in the 1990s with the arrival of ultra-processed products on the markets. In recent years, the number of people seeking to eat more healthily has grown, not only because of the necessary daily caloric intake indicated by the FAO and other organizations, but also because of the quality of the food that reaches the tables, thus increasing the consumption of organic products and similar. Privileged families such as those in the neighborhood of Icaraí/Niterói, in the metropolitan region of RJ, have easy access to this quality food. The work investigates the food security of young students who share rent on one of the main avenues in the neighborhood. For this, issues of the way of life in this group are investigated based on the organization of time, class, consumption, tastes and culinary skills. Also, from the age and generation markers of the students, the relationship with the 'hunger' category and going through what is considered 'good food'.

Keywords: consumption anthropology; sociology of food; food in Brazil.

INTRODUÇÃO

A relação entre alimentação e renda no estado do Rio de Janeiro, assim como em qualquer outra região, é complexa e multifacetada. A renda de uma família ou indivíduo pode influenciar diretamente a qualidade, a quantidade e a diversidade dos alimentos disponíveis e consumidos.

Objetivo do trabalho é buscar compreender como se alimentam as moradoras de uma república a partir do que elas consideram uma boa alimentação, através do consumo de alimentos no bairro de Icaraí. Para isso, é necessário analisar a relação entre moradia e a alimentação da região. Uma das justificativas do trabalho está na discrepância da renda das moradoras com a média salarial dos moradores do bairro e como isso pode vir a influenciar o consumo nos estabelecimentos da região como mercados, cafés, hortifrutis, cafés, restaurantes e lanchonetes.

Para este trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação participante com as moradoras de uma república de estudantes do bairro de Icaraí em Niterói. Elas dividem uma única cozinha para preparar e realizar suas refeições, de forma individual na maioria das vezes. Foram acompanhadas suas rotinas alimentares juntamente às rotinas de trabalho e estudo, às idas ao mercado, a decisão de escolha e o preparo dos alimentos. No total, foram entrevistadas cinco moradoras e as questões tiveram um enfoque no consumo alimentar, horários, qualidades dos alimentos, gostos e preferências, habilidades culinárias e domésticas, percepções da diferença entre alimento e comida e as dimensões morais e ideológicas do comer para cada uma.

As interlocutoras foram entrevistadas a partir da compreensão do que se entende por uma 'boa alimentação' e suas percepções sobre a comida cotidiana que é consumida. Elas serão identificadas com nomes fictícios para manter o sigilo das informações e preservá-las. Para as análises das entrevistas, foram utilizadas variáveis de idade, gosto, renda, tempo, habilidades.

A conclusão do trabalho salienta diferenças no modo de se alimentar, sobretudo na forma a qual a dimensão cultural se manifesta na compreensão das cidades de origem de cada moradora e suas trajetórias. Também, apresentam contradições a partir da dimensão geracional – o gosto possui uma determinação a partir do fator geracional etário das interlocutoras, e de classe – a classe aqui não é definida apenas pela renda, mas pelo simbólico, disposta nos capitais culturais e informacionais. As diferenças se destacam através da observação do contraste de produtos dos mercados e demais estabelecimentos e estilo de vida saudável do bairro de Icaraí e outros bairros que frequentam. O resultado leva à compreensão do que se considera uma 'boa alimentação' e a definição de fome das moradoras.

1. ESPAÇO E TERRITÓRIO: A ALIMENTAÇÃO NO BAIRRO DE ICARAÍ

Icaraí é um bairro conhecido por ser um dos mais nobres de Niterói. ‘Icarablon’² ou ‘Icaraíbe’³ como é chamado pelos niteroienses está numa localização privilegiada próxima à orla e com uma infraestrutura desenvolvida para prática de esportes e atividades físicas no geral sediando boa parte dos eventos esportivos da cidade como circuitos de remo, campeonatos de vôlei de praia, ‘altinha’ e beach tennis. Trata-se de um bairro com um vasto comércio ao meio de inúmeros prédios residenciais e condomínios. E é por ser uma região em que a maioria reside em apartamentos, a praia, e as largas calçadas com comércios se tornaram uma espécie de ‘quintal’ do bairro.

A cidade de Niterói está em 3º lugar no ranking de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, a cidade com maior IDH do Estado do Rio de Janeiro segundo o IBGE (2022). Em 2014, a praia de Icaraí chegou a ser o bairro com maior IDHM, com 0,96 da região metropolitana. Um dos melhores índices fluminenses de Segurança Alimentar e Nutricional.

A SAN (Segurança Alimentar e Nutricional) é um conceito que define um objeto de políticas públicas, suscetível a que lhe sejam atribuídas distintas acepções. Assim, “as definições de SA e as ações levadas a cabo com esse título refletem as condições econômicas dos países ou grupos de países sob determinadas circunstâncias históricas” (Maluf, 1995. p.134).

Em qualquer horário do dia é possível ver moradores passeando com seus cachorros na calçada e carrinhos de bebês e na maioria das vezes vestidos com roupas de caminhada/corrida. Como resultado da localização privilegiada, é comum que o bairro tenha uma presença significativa de moradores com renda mais alta, o que influencia a oferta e a demanda por produtos e serviços locais. Em geral, bairros com maior renda per capita tendem a ter uma maior diversidade de opções de comércio, incluindo restaurantes, mercados *gourmet*, lojas especializadas e outros estabelecimentos que atendem a esse público.

No caso de Icaraí, há uma significativa oferta de produtos naturais, spas, academias e serviços alternativos voltados a saúde e bem-estar. Na questão alimentar, é um bairro conhecido na cidade de Niterói por ser bastante diversificado. O bairro possui uma grande variedade de restaurantes, bares, lanchonetes e cafeterias que oferecem opções gastronômicas.

² Categoria nativa que é a junção das palavras Icaraí + Leblon, outro bairro de classe alta da cidade do Rio de Janeiro que também possui orla em sua extensão e um cotidiano com ofertas de estabelecimentos. O bairro do Leblon está localizado no horizonte da praia de Icaraí, sendo separados geograficamente pela Baía de Guanabara.

³ Outra categoria nativa, Icaraí + Caribe, alusão às praias do Caribe. A categoria é comumente usada de forma irônica e jocosa pelos moradores devido a poluição da Baía de Guanabara, porém também é bastante utilizada em marcações de fotos da praia do bairro em apps de redes sociais.

Devido à sua localização próxima à orla da cidade, Icarai também tem uma forte presença de quiosques à beira-mar. Porém, o que talvez seja mais marcante para a população niteroiense esteja no cotidiano das padarias e cafeterias tradicionais da região que são conhecidas por toda a cidade. São no mínimo cinco grandes padarias ao estilo cafeterias e dezenas de outros estabelecimentos menores. Boa parte deles possui ambientes acolhedores com mesas disputadas no horário do brunch e final de tarde em mezzaninos e varandas na calçada. Os frequentadores desfrutam dos mais variados tipos de pães e bolos artesanais e de fermentação natural, doces, sorvetes, gelatos, cafés e socialização dos moradores.

Alguns desses estabelecimentos estão próximos à praia. Há algumas décadas, a orla tornou-se local de maior movimentação para atividades físicas com bicicletas, corridas e caminhadas na larga calçada em toda extensão do bairro e jogos de *beach tennis*. Essa circulação de pessoas acabou encontrando uma harmonia para o consumo entre a atividade física e alimentação, entre o saudável e nutritivo.

A forte demanda ao não industrializado também está em estabelecimentos não especializados da região. Não sendo difícil encontrar também essa oferta nos mercados locais. Já nos mercados de rede, existem padronizações das prateleiras, corredores, e organização dos produtos de acordo com a estrutura da própria rede, porém mesmo se tratando de redes de mercados, é possível que cada loja se adapte à demanda local, o que pode modificar a disposição dos produtos à venda.

Nos corredores desses estabelecimentos em Icarai não é tão frequente ver a separação de produtos categorizados como “fermentação natural”, “sem glúten”, “veggie”, pois eles se misturam aos produtos industrializados e ditos como ‘comuns’. A oferta é bastante diferente em outros bairros da cidade – obviamente que essa cultura alimentar se estende às regiões limítrofes como os bairros do Ingá, Santa Rosa e São Francisco – eles possuem prateleiras separadas para os mesmos produtos, em sua maioria das vezes apresentados como fitness ou de dietas específicas para diabéticos ou para ganho de massa, perda de gordura, veganas, vegetarianas etc.

Parte significativa do comércio voltado à alimentação em Icarai possui conceitos com apelo ao saudável, natural e o nutritivo. Eles são padarias especializadas em fermentação natural e produtos sem glúten ou lactose, sorveterias com ingredientes naturais, restaurantes voltados para saladas e pokes, hortifrutis de orgânicos e feiras de produtos artesanais.

O que leva a perguntas, por que e como a classe média passou a cuidar tanto da saúde ao ponto disso se tornar distinção das outras classes? Um dos caminhos de compreensão também está

na dimensão do discurso neoliberal de aperfeiçoamento do próprio corpo, e isso atinge em diversas camadas, o consumo desses grupos. Além disso, é impossível não relacionar essas práticas à influência de países do welfare state onde há algumas décadas promovem programas de bem-estar, saúde física e mental com a população. Nesses países, os programas que auxiliam à garantia da Segurança Alimentar e Nutricional são consolidados como responsabilidades de Estado, não somente governamentais.

Há toda uma diferença da trajetória sócio-histórica desses países ditos desenvolvidos com desafios menos complexos no combate à fome e miséria alimentar em relação à América Latina. Além disso, a questão da Segurança Alimentar só se tornou como política de Estado no Brasil a partir dos governos do PT em 2003 com a criação do programa do Governo Federal, Fome Zero.

O consumo do bairro de Icarai difere da grande maioria dos outros bairros do Brasil, onde a questão da comida é insuficiente segundo os parâmetros do consumo calórico diário segundo a OMS. Uma das formas, ao longo das décadas, que foi encontrada para burlar esses resultados foi o incentivo, em larga escala, do aumento do consumo de carboidratos e alimentos nutricionalmente vazios, ricos em gorduras saturadas e açúcares que possuem picos de energia calórica para saciar a fome (Mondini & Monteiro, 1994). Com o uso em excesso sendo comprovadamente maléficis para a saúde num geral, porém de baixo custo, tanto a produção quanto para o consumidor. O que se tornou ainda mais alarmante nos anos 90 com a chegada de diversas marcas e empresas do ramo alimentar no país, modificando por completo a relação da comida no país com os produtos ultraprocessados.

o debate atual sobre a SAN está bastante marcado pela reemergência na agenda pública nacional (e internacional) da pobreza e da desigualdade social em face dos resultados sociais decepcionantes da estratégia econômica adotada desde os anos 1990. (Maluf, 2006. p.16)

O combate à fome se torna questão de assistência social no governo Lula, sendo tratado pelo Ministério da Assistência Social, e não apenas mais como objeto do Ministérios da Agricultura e Fazenda. Ou seja, os assuntos relacionados o reconhecimento de que os assuntos relacionados à fome não estão apenas na sua produção de alimentos, mas sim sua distribuição. “A SA subordinaria o conjunto das políticas agroalimentares e estabeleceria os laços entre elas e a política macroeconômica.” (Maluf, 1995. p.135).

Segundo Maluf, a diferença de regiões centrais e periféricas na SAN, é que o primeiro está no problema de abastecimento dos estoques por serem autossuficientes nas suas produções ou importações. E nos periféricos, os problemas ainda estariam em aceitar o direito à alimentação como uma questão básica à própria cidadania.

2. HÁBITOS ALIMENTARES DE UMA REPÚBLICA DE ESTUDANTES A PARTIR DO CONSUMO EM UM BAIRRO DE CLASSE MÉDIA ALTA

2.1 A república

A república de estudantes que as interlocutoras residem trata-se de um apartamento de aproximadamente 90m² e é dividido em quartos individuais, que além deles, contam com três banheiros, uma área de lavanderia, uma sala pequena e uma cozinha.

A localização é uma das mais privilegiadas da cidade, está a alguns passos da orla e em uma das ruas mais movimentadas pelo comércio local, porém, o apartamento aparenta precisar de algumas reformas nada muito urgente, mas é escuro e tem móveis improvisados, antigos e instalações que precisam de reparos.

O aluguel da vaga é tratado diretamente com o proprietário com anúncios na internet, ele que mora em outro estado e nunca foi visto por nenhuma das moradoras. O contato com o senhorio sempre é feito via *whatsapp* e quando algum problema na casa surge, ele geralmente é contactado, mas somente problemas estruturais como encanção entupida, panes elétricas, vazamentos etc. Os demais problemas relacionados a convivência entre as moradoras e questões cotidianas sobre a organização da casa dificilmente são passados a ele.

2.2 As moradoras

Débora, 26 anos, branca, de Magé-RJ estudante de arquitetura e estagiária, e apesar de ter horários flexíveis, quase nunca tem tempo para a vida doméstica, somente aos finais de semana. Aproveita sempre os dias de promoção no hortifruti no mercado próximo. Ela está sempre à procura de alimentos que proporcionem nutrição adequada, variedade de sabores e texturas, preferindo quase sempre alimentos naturais. Sua relação com a comida está associada especialmente ao tempo gasto no preparo de alimentação. Aqui a renda e o tempo gasto para preparo tornam-se fatores decisivos. Acompanhei algumas muitas vezes as idas de Debora ao mercado, e ela também me acompanhou. Durante a entrevista, perguntei qual a sua relação com a comida, ela disse: *“Acho que é interessante explorar os alimentos, e também, uma coisa de sabor, sabe? Coisas que você não tinha hábito de comer e passa a comer. O que eu consumo tá linkado a quanto eu ganho, quanto eu tenho de renda pra isso”* (Débora).

Débora comentou algumas vezes sua relação com a alimentação quando morava com sua mãe, não era das melhores. Como filha mais velha teve que aprender a se virar desde cedo na cozinha.

A outra moradora é Elisa, 24 anos, branca, estudante de enfermagem, consultora de seguros e *tiktokker*, tem origem familiar na região oceânica, a norte da cidade de Niterói. Para ela, a alimentação possui um caráter ideológico. Elisa evita comer proteína animal e industrializados. Ela não se considera vegana nem vegetariana, está sempre trocando mensagens com amigos e postando fotos de sua alimentação nas redes sociais, a publicização da comida é algo importante no seu estilo de vida saudável. Pergunto sobre a sua relação com a comida:

O que eu consumo tá virando energia dentro de mim. Desde ir ao mercado, escolher o alimento, comprar, cozinhar e montar um prato de comida e a hora de comer também, faz a comida ser uma energia muito mais limpa que eu tô consumindo. Então hoje minha relação com a comida é muito mais uma relação de amor, de cuidado e de autocuidado também. E também, um pouco de autoconhecimento também. Conhecer o que meu corpo aceita, e não aceita, o que faz bem pra ele. [...] Eu prezo por economia e qualidade, nunca compro uma coisa só porque ela é mais barata, mas dentro das coisas que têm qualidade, eu tento optar pelas coisas que têm menos gastos pra mim. (Elisa)

A relação de Elisa com a comida parece ser algo que atravessa a dimensão da própria alimentação, a comida é também é um estilo de vida. A comida aqui está na lógica da exteriorização, da distinção, dos rituais para pertencimento a um grupo, no caso de outros jovens com estilo de vida próximo (Oliveira & Cavignac, 2010). Esse grupo pode ser descrito como jovens litorâneos que frequentemente acampam na mata, trilheiros que tem uma relação espiritual com a comida, qualidade de vida relacionada a nutrição não apenas do corpo, também da alma.

Raíssa, 26 anos, branca, veio de São Gonçalo, região metropolitana do estado estudante de geografia e trabalha no escritório de uma seguradora. É a moradora que mais se ausenta de casa por ter um emprego que demanda boa parte do seu tempo. Ela está quase sempre cansada demais para cozinhar, muitas vezes opta por pedir suas refeições em apps de delivery, mas faz questão de escolher algo que diz ser “comida de verdade”, arroz feijão, churrasco e batata frita. Quando pergunto se vê diferença entre Icaraí e sua cidade natal, ela responde:

Bem diferente. Os preços principalmente, e aqui obviamente tem mais opções. Mas a gente tem mercados que são mais populares. Por exemplo, lá onde eu morava com a minha família, ali o que tinha era mercearia, tinha que pegar ônibus pra ir num mercado maior, então acaba que a gente comprava nesses lugares mesmos que são mais caros. Mas se fosse num mercado grande, aí os preços eram menores. (Raíssa)

Raíssa quase sempre conta de seu passado, a relação da comida com seu avô, quando ela o visita aos finais de semana, ele prepara e manda bolo e pães para as meninas da república.

Vânia, 35 anos, parda, veio da cidade de Vitória, estudante de psicologia, deixa sempre claro que possui uma alimentação voltada ao gosto. O comer está relacionado ao seu passado. *“Eu como quando dá vontade. Eu tenho uma relação com a comida que é de vontade, entende? É bem infantil, é bem pouco adulto minha relação com a comida.”* (Vânia)

Sua relação com a comida está numa dimensão do desejo,

Eles [meus pais] sempre tiveram uma relação de, pode comer, faz o que você quer. Eles nunca impuseram muitos limites. E eu acho que por virem de uma origem pobre, eles têm uma origem pobre, eu acho que eles tinham uma relação de que a comida era um luxo, que a gente tinha que aproveitar mesmo [...] a comida é uma representação na minha família de ascensão social (Vânia)

Suas impressões do bairro não são muito diferentes das outras moradoras. *“Eu entendo que Icarai é um bairro nobre (pausa) então, essas coisas das padarias, sabe? Não sei explicar, eu tenho uma impressão que é um bairro nobre.”* Mas não concorda que os moradores consomem mais saudável, *“acho que a galera aqui consome mais caro, saudável não”*.

Ana, tem 23 anos, veio de Campos dos Goytacazes, interior do estado, é branca e trabalha no financeiro de uma rede de hotéis. Ela é recorrentemente identificada pelas moradoras do apartamento como “a que tem o paladar infantil”. Quando pergunto sobre sua relação com a comida, inicia num tom descontraído fazendo piadas com a própria alimentação. *“Eu não sou de comer fruta, verdura nem nada. É o que vai matar minha fome. Uma lasanha pronta se eu colocar no micro-ondas eu sei que não vou ficar com fome depois. Eu vou ficar cheia, que vai saciar a minha fome naquele momento. É o que vai me encher”* (Ana).

Ana tem consciência de o que come não bom, mesmo assim o faz. Isso ela justifica com as faltas de habilidades culinárias e desinteresse de cozinhar. Quando pergunto suas impressões no bairro de Icarai ela diz: *“Caro. Acho o custo aqui mais caro do que na minha cidade. Aqui eu compro uma lasanha por 11,00 (reais) e lá eu comprava por 8,00 (reais). Uma quentinha aqui eu pago 18,00 (reais), lá na minha cidade eu pagava no máximo 12,00 (reais)”* e continua, dessa vez associando seu consumo com sua saúde, *“Querendo ou não, no caso, eu gasto muito dinheiro com comida, e é besteira. Porque pra minha lasanha não é uma coisa saudável e eu como isso frequentemente que isso me engorda [...] eu sei que tenho tendência a diabetes, mas eu sou viciada em doce”* (Ana).

O bairro de Icarai para Ana representa a liberdade e independência, vida que não tinha em sua cidade natal quando morava com sua família. Seu estilo de vida acompanha essa mudança. Suas escolhas baseadas na extravagância estão na possibilidade de compra de alimentos e marcas que não tinha acesso em sua cidade natal.

2.3 Cozinha e conflitos: a convivência através das práticas alimentares

Existe um grupo paralelo no *whatsapp* apenas com as moradoras e outro com o proprietário e as moradoras. Um dos problemas recorrentes são conflitos onde a cozinha quase sempre é a protagonista. E esse grupo de *whatsapp* é um espaço de comunicação e mediação de conflitos, já que os horários no cotidiano das moradoras são diferentes e nem todas estão sempre presentes no apartamento.

Como os problemas relacionados a convivência quase nunca são passados ao proprietário, as relações interpessoais possuem um caráter democrático para as decisões e escolhas que atingem a convivência da casa. Esse modo de se comunicar gera mais autonomia no cotidiano, porém mais responsabilidades, como por exemplo, as muitas cobranças de umas às outras pelas questões domésticas para o melhor funcionamento e organização da casa.

A cozinha possui cerca de 15m², relativamente pequena para uma casa em que todas cozinham de forma individual. Cabem apenas alguns eletrodomésticos, uma mesa para dois e duas geladeiras, além da pia. As refeições realizadas em casa são feitas quase sempre na parte da noite, o horário que geralmente todas se encontram devido a rotina de trabalho e horários das aulas dos cursos da faculdade. É por voltar das 19:00 que ela começa estar mais movimentada.

Como é uma casa que apenas residem mulheres, as relações de gênero aqui não são analisadas através dos papéis de cada sujeito. Contudo, é possível observar práticas que remetem às desigualdades a partir do gênero que são atravessadas pela moralidade feminina como as questões domésticas de limpeza, organização e habilidades culinárias. Em alguns momentos a disputa por essa moralidade gera conflito e discursos sobre as ações das moradoras.

A maioria das reclamações no grupo é a louça não lavada, o lixo que ninguém tirou da lixeira e do fogão que tem respingos de óleo de fritura. Logo então, as mensagens tomam narrativas de negação e adivinhação, quem foi, quem não foi. O que indiretamente é associado às críticas de comportamento do que se come, de como se prepara o alimento, e como se come. A louça não lavada em cima da pia e as comidas que desaparecem na geladeira são problemas recorrentes e geram bastante conflito na convivência das moradoras da república.

A cozinha está quase sempre caótica a noite, há uma disputa de espaço que é respeitada silenciosamente. Ana é a que menos possui habilidades culinárias e seu lugar nessa disputa por espaço é bastante frágil gerando quase sempre comentários negativos. Já aconteceu de Elisa se retirar da cozinha porque não aguentava o barulho que Ana estava fazendo na panela enquanto tentava preparar arroz. Com outras moradoras isso não é muito diferente. Quase sempre tudo que

é preparado por ela recebe críticas, seja pelo seu modo de preparar ou pelos alimentos que está cozinhando.

A louça se acumula na pia que as vezes pinga água do filtro que ninguém sabe ao certo quando foi trocado da última vez pelo proprietário. A louça, um objeto de discussão no grupo do *whatsapp* do apartamento. *“Desisti de cozinhar porque não vou lavar louça de ninguém, vou pedir um Ifood”*. Ninguém nunca é dono da louça que está dias na pia. Ela simplesmente se perde com outras louças, é esquecida como objeto útil e se torna objeto de conflito.

3. RELAÇÃO ANTROPOLOGIA E ALIMENTAÇÃO: A FOME, A COMIDA E O SIMBÓLICO

Na fase mais jovem do pintor renascentista Caravaggio, uma das suas obras mais conhecidas é o Jovem Baco de 1595, é representada como um rapaz com traços joviais e um olhar sereno oferecendo vinho no meio às frutas da época. Baco, um dos deuses gregos do Olimpo e, mais contraditórios entre os deuses, é representado como um eterno jovem boêmio com suas extravagâncias e irresponsabilidades. Muito cultuado pelas farturas dos banquetes, na diversão das noites e bebedeiras das festas romanas.

Tanto Ana, que é a mais jovem das moradoras, quanto Vânia que é a mais velha, estão na categoria de paladar infantil. Sendo que Ana é recorrentemente julgada por esse paladar infantil e acaba sendo classificada como a que menos tem prestígio na cozinha. Enquanto para Vânia, essa determinação vem dela mesma. Essas diferenças ocorrem porque a questão de falta de tempo é central na vida das moradas, logo, a boa alimentação torna-se uma prática de prestígio (Barbosa, 2010).

A questão do ‘paladar infantil’ como uma categoria, está na dimensão de alimentação ideal, indo contra um horizonte do comportamento de um adulto, mas não de qualquer adulto, um adulto responsável. No caso de Ana, a categoria de paladar infantil está como uma irresponsabilidade, já no caso de Vânia como um desejo. Ou seja, a questão etária nessas relações é central. Isso porque a relação com o cuidado da alimentação remete diretamente a ideia de boa saúde. Diferente do Deus Baco que recorrentemente é personificado como um jovem que quase nunca é levado a sério pelos outros deuses.

O modo de viver reflete no que se come e se bebe. A jovialidade referente a liberdade de comer e beber sem necessariamente levar em consideração se o que está ingerindo é saudável ou não, escolhas pelo gosto e prazer. Segundo Mary Douglas (1976), o gosto determinado por fatores culturais é objeto da discussão antropológica que pode ser colocado em perspectiva em diversos

campos como o das tradições, rituais, identidades, tabus. Para isso, investigam-se as percepções significativas do alimento para o indivíduo, nesse caso em específico, a discussão antropológica sobre o gosto de alguns grupos baseados em identificação etária e geracional.

A antropologia e a alimentação possuem algumas formas de análise quanto disciplina, uma delas segundo Romanelli (2006) é associada a partir de:

uma forma de conhecimento, laboriosamente construída para se entender a diversidade dos costumes, mostrando o caráter simbólico que envolve as atividades humanas e como diferentes sociedades organizam de modo particular soluções específicas para resolver problemas universais (p.334).

Existe uma quantidade expressiva de conteúdo na internet que modifica as práticas de alimentação. A propaganda leva muitas pessoas a optarem por dietas com as mais diversas finalidades como perder ou ganhar peso, ganhar massa muscular ou demais formas estéticas e de saúde do corpo, logo criam-se parâmetros para determinados grupos do que se considera mais ou menos elevado simbolicamente (Romanelli, 2006).

Algumas escolhas alimentares são influenciadas a partir de redes sociais de imagens como TikTok e Instagram que estão em alta entre os jovens. Alguns comportamentos são completamente atravessados pelas campanhas de marketing que hoje atingiram um nível individual das relações. A necessidade de pertencimento ao grupo está mais do que nunca dependente do consumo via publicidade mediada nas plataformas digitais. Cada vez mais o 'instagramável', ambientes propositalmente construídos para 'boas fotos' na plataforma e publicização dos restaurantes e bares criam uma padronização entre a estética e a comida do que pode e não pode ser postado. Essa cultura das redes se aproxima muito das propagandas dos anos 90 dos produtos industrializados em embalagens coloridas e chamativas, sempre com apelo a novidade, para o consumo crianças e jovens.

O 'instagramável' é uma categoria que indica, a partir da estética da comida, a existência de uma disputa simbólica do que é moral e imoral para esses grupos nas redes sociais. O sistema simbólico da alimentação apresentado por Mary Douglas em Pureza e Perigo (1966), defende que a escolha alimentar está diretamente ligada a um sistema simbólico de moralidade para grupo social. Ela analisa a forma como as classificações sociais podem ser aplicadas aos alimentos, destacando como alguns deles podem ser considerados "puros" ou "impuros" com base em normas culturais específicas.

O argumento de Douglas nessa discussão é que essas classificações refletem as preocupações sociais mais amplas de uma sociedade, que segundo Levi Strauss, estaria também

relacionado ao sistema do sexo nas sociedades. Ou seja, a comida pode partir de uma escolha moral ou imoral num sistema simbólico apresentado como 'gosto', o simbólico influencia as percepções no campo da alimentação do que é bom ou ruim como distinção. Caracterizar o vínculo entre gosto e moralidade nesse sistema simbólico, pode levar a uma melhor compreensão das práticas alimentares de determinados grupos.

O paladar infantil aqui representado está na lógica da fronteira criada na casa do que é uma boa alimentação para as moradoras. O excesso de açúcar e carboidratos vazios, seguindo as definições de Douglas, viram 'objetos de poluição', numa casa que representa para todas, a saída da casa da família, a necessidade de uma vida responsável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender as formas de acesso à alimentação, é colocado como pano de fundo as possíveis relações de poder que surgem a partir de um sentido espacial, como a relação metrópole e interior, centro e periferia, Norte e Sul Global. O acesso à alimentação está diretamente relacionado ao espaço geográfico, ou seja, a questão da moradia também é quase sempre uma variável determinante nas análises para a Soberania Alimentar. Isso não é apenas no sentido micro das relações, também no regional e no global. Compreender a territorialização e os sentidos espaciais das relações de poder para a alimentação, auxilia a análise na temática.

Por fim, o que definiu a diferença de comportamento e hábitos alimentares do grupo analisado neste trabalho está na questão de origem regional e a trajetória familiar, e o geracional.

Morar num bairro como Icarai, que possui uma variedade de ofertas alimentares gera experimentações. Redes de restaurantes e pratos de cozinhas específicas que foram abraçados e reproduzidos pelo neoliberalismo ocidental somados ao impulsionamento de marketing para o aumento do consumo de um público-alvo. Boa parte das redes de restaurantes e cafés não existem nas suas cidades de origem das moradoras. E algumas escolhas são determinadas a partir da influência das novas redes de comunicação, sobretudo em apps de imagem como o TikTok e Instagram.

O pertencer ao grupo, o novo, a descoberta, não necessariamente associados a categoria de paladar infantil, pois muitas das vezes a necessidade de pertencimento a um grupo na juventude resiste a ideia de se contrapor e superar o infantil.

A questão da renda não foi diretamente relacionada às diferenças de hábitos entre moradoras, somente entre moradoras da república e consumo em Icarai, visto que as moradoras possuem rendas similares. Contudo, essa variável se apresenta de maneira transversal à trajetória

familiar e ao geracional, no momento qual há compreensão de uma elaboração da educação alimentar ao longo da vida. Seguindo a mesma premissa de Sahlins (1979), do que o autor chama de “razão prática”, a ideia do gosto e das escolhas dos alimentos no cotidiano estão diretamente associados à uma lógica de como as moradoras entendem por se alimentar, e isso só pode ser observado através da trajetória familiar. A cultura alimentar da região de onde vieram e o papel da família na educação alimentar nos primeiros anos de vida é bastante presente como condicionante desses hábitos (Barbosa, 2007; Cascudo, 2004), mesmo que não tendo mais nenhuma ou pouca relação direta com os familiares.

As práticas alimentares, são aqui, uma herança do que foi aprendido nos primeiros anos de vida e levados principalmente como distinção em um bairro novo como Icaraí. Claro que há tentativas de se camuflar nesses novos ambientes, principalmente das que vieram de regiões mais pobres, uma tentativa de camuflar a origem humilde, contudo, também há uma resistência, proposital ou não, dos hábitos de consumo que remete a um passado afetivo de suas origens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: o Brasil no prato dos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, 13(28), 87–116., 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Global, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Antônio de; CAVIGNAC, Julie Antoinette. História e etnografia nativas da alimentação no Brasil: notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. *Imburana*, v. 1, n. 2, p. 63-75, 2010.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. 1 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

MALUF, R. S. Tempos sombrios de pandemia e fome: responsabilidades da pesquisa em soberania e segurança alimentar e nutricional. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, SP, 2023.

MALUF, R. S. Segurança alimentar e desenvolvimento econômico na América Latina: o caso do Brasil. *Revista de Economia Política*, vol. 15, nº 1 (57), pp. 137-143, janeiro-março/1995.

MALUF, R. S. Segurança alimentar e fome no Brasil – 10 anos da cúpula mundial de alimentação. *Relatórios Técnicos*. Centro de referência em segurança alimentar e nutricional (Ceresan). 2006.

MONDINI, Lenise; MONTEIRO, Carlos Augusto. Mudanças no padrão de alimentação da população urbana brasileira (1962-1988). *Rev. saúde pública*; 28(6): 433-9, dez. 1994.

ROMANELLI G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. Medicina (Ribeirão Preto) 2006.

SAHLINS, Marshall. Cultura e razão prática. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

This preprint was submitted under the following conditions:

- The authors declare that they are aware that they are solely responsible for the content of the preprint and that the deposit in SciELO Preprints does not mean any commitment on the part of SciELO, except its preservation and dissemination.
- The authors declare that the necessary Terms of Free and Informed Consent of participants or patients in the research were obtained and are described in the manuscript, when applicable.
- The authors declare that the preparation of the manuscript followed the ethical norms of scientific communication.
- The authors declare that the data, applications, and other content underlying the manuscript are referenced.
- The deposited manuscript is in PDF format.
- The authors declare that the research that originated the manuscript followed good ethical practices and that the necessary approvals from research ethics committees, when applicable, are described in the manuscript.
- The authors declare that once a manuscript is posted on the SciELO Preprints server, it can only be taken down on request to the SciELO Preprints server Editorial Secretariat, who will post a retraction notice in its place.
- The authors agree that the approved manuscript will be made available under a [Creative Commons CC-BY](#) license.
- The submitting author declares that the contributions of all authors and conflict of interest statement are included explicitly and in specific sections of the manuscript.
- The authors declare that the manuscript was not deposited and/or previously made available on another preprint server or published by a journal.
- If the manuscript is being reviewed or being prepared for publishing but not yet published by a journal, the authors declare that they have received authorization from the journal to make this deposit.
- The submitting author declares that all authors of the manuscript agree with the submission to SciELO Preprints.